

Crise já afeta mercado, e estatais perdem R\$ 97 bi

Turbulência política chega a preço dos ativos. Com piora da Covid, vacinação lenta, intervencionismo em Petrobras, BB e Eletrobras e reformas paradas, expectativa de investidores se deteriora. Juros futuros sobem, e apetite de estrangeiro na Bolsa diminui

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O desânimo do mercado financeiro com a situação econômica do país — seja por recrudescimento da pandemia e vacinação lenta, intervencionismo do governo em estatais como Petrobras e Banco do Brasil ou pela agenda de reformas parada — já se reflete nos principais ativos neste início de ano.

A curva de juros futuros dos contratos com prazo de dez anos passou de 7,19%, no início de janeiro, para 9,32%, no fim de março. No mesmo período, o risco-país, medido pelo Credit Default Swap (CDS), uma espécie de seguro contra calotes do Brasil, saltou de 143,5 pontos para 231, uma alta de 87,5 pontos.

— Terminamos 2020 com estimativas mais positivas para o Brasil, com esperança de avanço da vacinação e um superciclo de commodities, com a recuperação da economia da China. Com excesso de recursos pelo mundo, esperava-se que os investimentos viriam por osmose para o país. Mas essas expectativas foram se deteriorando neste início de ano, e os principais ativos refletem esse movimento — diz Mathews Spiess, economista e especialista em investimentos da Empiricus Research.

A entrada de capital estran-

geiro na Bolsa murchou a partir de fevereiro, quando o presidente Jair Bolsonaro, acomodado com a alta dos combustíveis, anunciou a troca de comando na Petrobras. Até fevereiro, o saldo entre compra e vendas de ações na B3 era positivo em R\$ 28 bilhões. No final de março, esse saldo ainda está positivo, porque os ativos brasileiros estão baratos em dólar, mas caiu para R\$ 11,8 bilhões.

TERMÔMETROS DO MAL-ESTAR

Desde o conturbado anúncio da troca de comando da maior empresa do país, o saldo nunca mais ficou acima de R\$ 20 bilhões, lembram analistas, o que sinaliza a desconfiança do investidor estrangeiro.

— A intervenção na Petrobras e no Banco do Brasil, que levou o presidente da instituição a pedir demissão, elevou a percepção de risco das estatais, traz insegurança jurídica e coloca em xeque o projeto de privatizações — observa Gustavo Bertotti, economista-chefe da Messi Investimentos.

Na ponta do lápis, os arroubos intervencionistas do governo saíram caro. Só este ano, o valor de mercado somado de Petrobras, BB e Eletrobras — cujo presidente Wilson Ferreira Junior se demitiu em janeiro por conta do atraso na privatização — encolheu R\$ 97 bilhões. Esses recursos que “evaporaram”



Palácio do Planalto. A entrada de capital estrangeiro na Bolsa murchou após Bolsonaro mexer no comando da Petrobras

equivalem à soma do valor de mercado de Braskem (R\$ 31 bilhões), Gerdau (R\$ 48 bilhões) e BRF (R\$ 20 bilhões).

— O ano está sendo marcado pela frustração com o governo, com a pouca adesão à agenda liberal, o intervencionismo e um falso dilema entre salvar vidas ou a economia, com atraso na vacinação. A palavra de ordem agora é incerteza, e o mercado quer previsibilidade — diz Maurício Pedrosa, estrategista da Arena Investimentos.

Pedrosa observa que há dois principais termômetros da incerteza dos investidores em

relação aos rumos do país: o dólar e os juros. A curva de juros futuros de longo prazo vem “empinando” cada vez mais desde o início do ano. E, enquanto em outros países a alta da moeda americana foi moderada, aqui ela foi mais forte. No ano passado, o dólar subiu mais de 30% frente ao real. No primeiro trimestre de 2021, a moeda valorizou mais 6%.

— Estes são os termômetros do mal-estar do mercado com o governo, que refletem os estrangeiros saindo da Bolsa — afirma Pedrosa.

Um dos grandes fantasmas que está no radar dos investi-

dores é a deteriorada situação fiscal do país. Eles entendem que a pandemia trouxe a necessidade de gastos extras ao governo para ajudar os brasileiros mais pobres e manter a economia pulsando. Mas a aprovação de um Orçamento inexecutável e cheio de manobras fiscais pegou muito mal junto ao mercado.

A própria reforma ministerial, mesmo que tenha trazido nomes mais alinhados com os líderes do Congresso, que foram apoiados pelo governo e defendem pautas mais liberais, foi feita de forma atabalhoada pelo Palá-

cio do Planalto e criou atrito com os militares. Esses movimentos abruptos, causam mal-estar para o investidor.

— A política e a economia estão vinculadas, e os ativos de risco ficam mais sensíveis com as perspectivas futuras diante desses movimentos — lembra Spiess, da Empiricus.

DEBATE ELEITORAL ANTECIPADO

Outro fator que causa apreensão é a antecipação do debate eleitoral de 2022. Isso, na visão dos analistas, encurta o tempo para que se avance em privatizações importantes ainda neste ano e também na aprovação das reformas estruturais.

Como o mercado está precipitando tudo o tempo todo, existe a possibilidade desse cenário mudar. Se a vacinação ganhar ritmo, a economia reabrir totalmente com o controle da pandemia, o desemprego recuar, as reformas andarem e o presidente não tomar um caminho mais populista para tentar se reeleger, a percepção do mercado tende a mudar para um cenário mais positivo.

— O Brasil continua tendo ativos muito atraentes e está barato em dólar. Pode retomar uma trajetória mais sustentável de crescimento, com a volta do investimento e com as agendas de produtividade e fiscal entrando na pauta — comenta Spiess.

ENCARTES COM PREÇOS IMPERDÍVEIS EM UM SÓ LUGAR.

Na nossa seção de **ENCARTES**, você vai encontrar uma diversidade de lojas, supermercados e farmácias com ofertas incríveis.



ACESSE
E APROVEITE



**QUAL
OFERTA**
.COM.BR

O GLOBO EXTRA EXPRESSO